

Mané: em busca de si num romance de terrorismo

Gandhia Vargas Brandão¹

RESUMO

Este artigo traz discussões insurgentes a partir da leitura de um dos romances pós-11 de setembro de 2001, chamados Romances de Terrorismo, *O paraíso é bem bacana* de André Sant'Anna (2006). A literatura como espaço de debate indispensável para a compreensão do mundo atual, especificamente aquela que tem o terrorismo como tema, problematiza assuntos neste artigo apontados, tais como a hegemonia americana, o capitalismo neoliberal, o fundamentalismo islâmico, o orientalismo, o integrismo e os conceitos contemporâneos de identidade. O romance de Sant'Anna alia a condição da favela brasileira ao terrorismo, erigindo crítica à ainda existência no país da extrema pobreza, do racismo e da homofobia.

Palavras-chave: Romance. Identidade. Capitalismo. Terrorismo. Integrismo.

Mané: searching for himself in a novel of terrorism

ABSTRACT

This article brings discussions which have come from one of the after 9/11 novels, the so called Novels of Terrorism, *O paraíso é bem bacana* by André Sant'Anna (2006). Literature, as an indispensable debate room for contemporary world understanding, specifically the one which has terrorism as the plot, problematizes issues pointed in this article, such as the American hegemony, the neoliberal capitalism, the Islamic fundamentalism, the orientalism, the integrism and the contemporary concepts of identity. Sant'Anna's novel connects the condition of Brazilian slums to terrorism, arising criticism to the still existence in the country of extreme poverty, racism and homophobia.

Key words: Novel. Identity. Capitalism. Terrorism. Integrism.

A humanidade se chocou diante dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001. Não porque não estivesse acostumada a ver diariamente uma boa dose de violência nos noticiários da televisão ou nas manchetes de jornais, mas porque a grande potência, inatingível, inabalável, foi atacada justamente em seu ponto forte. As torres representavam aquilo que garante a hegemonia americana: o sistema econômico capitalista. Segundo Jean Baudrillard, elas eram o “centro nevrálgico do sistema”. (BAUDRILLARD, 2003, p. 13). A cada imagem transmitida com a impressionante rapidez característica da comunicação atual, a humanidade se perguntava se era realmente possível que aquilo estivesse acontecendo.

¹ Graduada em Letras. Mestre e Doutora em Teoria Literária pela Universidade de Brasília.

Noam Chomsky, em *11 de Setembro* (2005), ressalta o ineditismo de tal acontecimento ao mesmo tempo em que aponta atos terroristas tão ou mais violentos cometidos pelo governo americano em diferentes épocas:

As atrocidades cometidas em 11 de setembro são algo inteiramente novo na política mundial, não em sua dimensão ou caráter, mas em relação ao alvo atingido. [...] Durante os últimos séculos, os Estados Unidos exterminaram as populações indígenas (milhões de pessoas), conquistaram metade do México (na verdade, territórios indígenas, mas isso é outra questão), intervieram com violência nas regiões vizinhas, conquistaram o Havaí e as Filipinas (matando centenas de milhares de filipinos) e, nos últimos cinquenta anos, particularmente, valeram-se da força para impor-se a boa parte do mundo. O número de vítimas é colossal. Pela primeira vez, as armas voltaram-se contra nós. Foi uma mudança dramática. (CHOMSKY, 2005, p. 12)

Chomsky não acredita, entretanto, que há relações entre o crime terrorista cometido contra as duas torres e uma revolta de um grupo fundamentalista contra a globalização da economia. Ele diz que a crença de que os terroristas tenham escolhido o World Trade Center como um alvo simbólico é “bastante conveniente para os intelectuais do Ocidente”. (CHOMSKY, 2005, p. 32) Para ele, as atitudes que de fato motivaram a escolha das torres como alvo simbólico não estão relacionadas nem com *McDonald's* ou *jeans*, nem tampouco com o ódio existente em relação aos valores prezados na América, como liberdade, tolerância, pluralismo religioso e voto universal, valores impostos mundialmente a todas as culturas que já foram invadidas pela globalização da economia. Para Chomsky, os atos terroristas de 11 de setembro são a resposta das vítimas de atos terroristas cometidos anteriormente pelos Estados Unidos que ousaram utilizar a mesma linguagem de seus inimigos americanos.

[...] o que aconteceu em 11 de setembro não tem, de fato, nada a ver com a globalização da economia, na minha opinião. As razões são outras. Nada pode justificar crimes como os cometidos em 11 de setembro, embora só possamos pensar nos EUA como ‘vítima inocente’ se adotarmos o caminho fácil de ignorar o histórico de suas ações e das que foram praticadas por seus aliados, que são, aliás, de conhecimento público. (CHOMSKY, 2005, p. 38)

Estabelecer uma discussão acerca das causas reais do atentado não é aqui ponto principal, todavia, não podemos deixar de ressaltar que os exemplos que

Chomsky utiliza de atos terroristas cometidos pelos americanos ocorrerem também em defesa da hegemonia político-econômica dos Estados Unidos, ou seja, também estão relacionadas à globalização da economia e à manutenção desta hegemonia. Tudo isso tem como pano de fundo um sistema político-econômico que vem se desenvolvendo ao longo da existência humana desde que o primeiro pedaço de terra foi cercado e algo chamado propriedade passou a fazer parte da organização da vida: o capitalismo.

Todas as transformações pelas quais o sistema capitalista passou no processo de construção da civilização foram levadas à radicalidade extremista no século XX. Este período, que abrange a maior concentração de acontecimentos por ano de todos os séculos, e cujas mudanças dele decorrentes foram “para todo o planeta, tão profundas quanto irreversíveis” é, por isso, chamado de “A Era dos Extremos” pelo historiador Eric Hobsbawn (2006, p.18).

A segunda metade do século XX, após a segunda guerra mundial, ou seja, a segunda metade da “Era dos Extremos” configurou uma época em que a força de um sistema que se baseia no lucro sem limites e que no lugar do ser humano instaura a figura do consumidor caminha intensamente para o rompimento definitivo de barreiras territoriais em direção à sua plena hegemonia, dando continuidade ao processo de globalização que se desenrola ao longo da História. Empresas transnacionais ditam as regras sob as quais todo o planeta vive. As culturas, as políticas, os valores, os hábitos, as identidades e as artes se misturam formando uma Babel de linguagens em que nem sempre todos se entendem.

Um dos exemplos desse desentendimento provocado pela falta de preocupação com que os líderes do capitalismo tratam a hiperexpansão do mercado consumidor é a acentuação do Fundamentalismo Religioso. Esse conceito, que segundo Farah (2001), surgiu entre protestantes norte-americanos e abrange cristãos, judeus, hindus, budistas e muçulmanos, é uma posição teológica que defende um retorno aos fundamentos da religião, não significando exatamente que para que haja esse retorno “os fins justifiquem os meios”. Entretanto, o Fundamentalismo tornou-se mundialmente conhecido através de atitudes radicais de um grupo islâmico fundamentalista extremista

chamado Al-Qaeda, responsabilizado pelo ato terrorista de 11 de setembro de 2001².

Com o advento do capitalismo pós Segunda Guerra, tudo passou a ser válido. A busca por lucros fez com que o capitalismo rompesse todas as barreiras, desde as territoriais, com a instalação de empresas transnacionais, até as culturais, com a imposição internacional de produtos a todo custo sem que fossem levadas em consideração as consequências que o consumo de tais produtos teria para determinado grupo. A “Era dos Extremos” começa a tomar um formato diferente após a segunda guerra mundial e abre as portas para o século XXI com mais uma de suas radicalidades.

Em meio a todas essas transformações, encontra-se o ser humano. Aprendemos a viver sob a constante pressão da busca pelo dinheiro, do consumo das tecnologias que se renovam a cada semana fazendo que nosso cotidiano se torne ao mesmo tempo cada vez mais frenético e sedentário obrigando-nos a dividir as 24 horas de cada dia em sessões destinadas a atividades muito específicas e fazer um esforço enorme para não esquecer de destinar alguma destas sessões a atividades como comer, dormir ou exercitar o corpo. Isso tudo acontece em ambientes urbanos com altos índices de poluição sonora, visual, aérea e aquática, pois o lixo produzido desenfreadamente nas cidades nem sempre possui destinação; mas principalmente com altos índices de desigualdade social, algo que se acentua progressivamente gerando violência, que gera tensão e medo, permanentes aliados à vida humana. A desigualdade social mencionada não se dá em um único nível, mas se organiza em camadas interpostas abrangendo desde a relação entre os habitantes de pequenas vilas rurais e as gigantes empresas agrícolas, passando pela relação entre um país como os Estados Unidos que pretende liderar os demais países ocidentais, até a desequilibrada relação entre ocidente e oriente, que já se dá em nível planetário.

O teórico palestino Edward W. Said propõe em sua obra *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente* (2007), que o oriente, fonte da civilização e das línguas ocidentais, onde se encontram

² Cabe lembrar que, em 11 de setembro de 2001, outros dois aviões foram sequestrados como parte do mesmo esquema de ataque atribuído à Al Qaeda contra os Estados Unidos. Um deles foi lançado contra o Pentágono e o outro deveria atingir a Casa Branca, mas caiu próximo à Pensilvânia. O livro *Plano de Ataque* (2006), do brasileiro Ivan Sant’Anna, traz informações sobre o planejamento, a preparação e a execução dos atentados, trabalho que resultou de três anos de pesquisa sobre o assunto.

as colônias europeias mais antigas e mais ricas, é um conceito postulado por intelectuais ocidentais para representar um outro mundo, estabelecendo a distinção entre o que seria familiar e o que seria estranho em constante exercício de força cultural, relacionado ao imperialismo e à imposta e talvez fictícia autoridade intelectual do ocidente sobre o oriente. Sua tese, o Orientalismo, contribui imensamente para uma tentativa de compreensão dos atentados terroristas que se tornam cada vez mais frequentes, pois o fato de questionar a divisão da realidade humana em culturas, histórias, tradições, sociedades e até raças diferentes, leva-nos a questionar também as consequências de tal divisão.

O fenômeno dos ataques suicidas fez sua entrada em cena com todos os seus danos horrendos, nenhum, evidentemente, mais chocante e apocalíptico do que os acontecimentos do Onze de Setembro e suas consequências, as guerras contra o Afeganistão e o Iraque. (SAID, 2007, p. 13)

Sem a pretensão de reduzir o surgimento dos ataques terroristas a um único fato, mas na tentativa de compreensão deste fenômeno, concordamos com Said quanto ao estabelecimento da relação entre o Orientalismo e o terrorismo sintomático dos séculos XX e XXI. A existência de imposições do ocidente sobre o oriente é fato incontestável. Basta que tomemos como exemplo o imperialismo moderno e sua pretensiosa imposição cultural, iniciado com Napoleão e atualmente mantido pelos americanos.

As sociedades contemporâneas de árabes e muçulmanos sofreram um ataque tão maciço, tão calculadamente agressivo em razão de seu atraso, de sua falta de democracia e de sua supressão dos direitos das mulheres que simplesmente esquecemos que noções como modernidade, iluminismo e democracia não são, de modo algum, conceitos simples e consensuais que se encontram ou não, como ovos de Páscoa, na sala de casa. (SAID, 2007, p. 15)

Podem ser exemplos de imposições do ocidente sobre o oriente: a presença de tropas americanas na Arábia Saudita desde o fim da Guerra do Golfo em 1991, o apoio dos Estados Unidos a Israel desde sua ideia inicial passando por sua instauração e continuando com sua permanente defesa, e finalmente, sanções contra o Iraque mediante decisão do conselho de

segurança da ONU que impedem o país de realizar transações comerciais e financeiras atrapalhando seu desenvolvimento e sua sustentação.

Os três exemplos acima são dados pela Al-Qaeda como motivos para a ocorrência do ataque de 11 de setembro, indicando que a relação entre a expansão interminável do capitalismo permeia diversas explicações para o terrorismo de 2001. Nas palavras do próprio Bin Laden:

[...] por mais de sete anos, os Estados Unidos vêm ocupando as terras do Islã e os lugares mais santos, a Península Arábica, saqueando suas riquezas, ditando ordens a seus governantes, humilhando seu povo, aterrorizando seus vizinhos, e transformando suas bases na península em lideranças para a luta contra os povos muçulmanos que os rodeiam. (Sobre a presença americana no Iraque.) A criação e manutenção de Israel é um dos maiores crimes, e vocês são os líderes desses criminosos. E, claro, não há necessidade de explicar e demonstrar o grau de apoio americano a Israel. A criação de Israel é um crime que deve ser apagado. Toda e qualquer pessoa cujas mãos se tornaram poluídas ao contribuir para este crime tem de pagar o seu preço, e pagar fortemente. (Sobre o apoio americano a Israel.) [...] apesar da grande devastação infligida ao povo iraquiano pela aliança cruzado-sionista, e apesar do grande número de pessoas mortas, que ultrapassou um milhão... apesar de tudo isso, os americanos estão mais uma vez tentando repetir os massacres horrendos, como se eles não se contentassem com o bloqueio prolongado imposto após a guerra feroz ou a fragmentação e destruição... Com base nisso, e em conformidade com a ordem de Deus, emitimos a *fatwa*³ que se segue para todos os muçulmanos: a decisão de matar os americanos e seus aliados, civis e militares é um dever individual de todo muçulmano... (Sobre as sanções estabelecidas pela ONU contra o Iraque.)⁴

³ Segundo *O atlas do oriente médio*, de Dan Smith, *fatwa* é “sentença de direito islâmico proferida pelos *muftis* (estudiosos islâmicos reconhecidos).” (p. 12). Segundo o Sheikh Yusuf Al-Qaradawi “a palavra Árabe *fatwa* significa dar uma resposta satisfatória em relação a certo assunto. Na linguagem técnica da Shari’ah, a palavra *fatwa* esclarece a aplicação da lei islâmica em uma resposta dada a uma questão ou conjunto de questões, normalmente relacionadas a um assunto Islâmico. Não faz nenhuma diferença se aquele que coloca a questão é uma pessoa ou um grupo de pessoas.” (ISLAM Online Fatwa Editing Desk. *Fatwa*: significado e conceito. Disponível em: <<http://www.religiaodedeus.net/fatwa22.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

⁴ FAS. *Jihad against Jews and Crusaders*. Washington, DC, 1998. Disponível em: <<http://www.fas.org/irp/world/para/docs/980223-fatwa.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013. (tradução nossa)

Identificando e discutindo todos esses fenômenos, a Literatura elege-se como espaço de debate, sem a pretensão de propor soluções, mas no intuito de problematizar. Desde o ataque às torres, houve grande produção de obras de arte relacionadas ao tema terrorismo. Diversos autores publicaram romances que envolvem esse tema. Portanto, torna-se necessário analisar as respostas da Literatura ao ataque de 11 de setembro no intuito de dar início à instauração de uma reflexão sobre os caminhos da sociedade contemporânea. Uma dessas respostas é o romance *O paraíso é bem bacana*, de André Sant’Anna (2006), o qual será apresentado adiante.

A literatura revela-se indispensável para a compreensão do mundo atual a partir do próprio ser humano atual. E a representação literária do atentado ao World Trade Center possui características bastante peculiares, a começar pelo fato de obras sobre o assunto terem sido lançadas pouquíssimo tempo após a ocorrência do evento, ou seja, sem que este tenha sido completamente assimilado, o que talvez tenha acontecido justamente para que se tentasse assimilar e compreender o evento⁵. Sobre isso, o autor Martin Amis em *The Second Plane* (2008) diz: “[...] novelists don’t normally write about what’s going on; they write about what’s not going on.” (AMIS, 2008, p. 13)⁶

Outro problema relacionado à representação literária do atentado de 11 de setembro é o fato de este ter sido um espetáculo transmitido “ao vivo” para todo o mundo pela televisão e pela internet. Segundo o teórico britânico Martin Randall em seu livro *9/11 and the Literature of Terror* (2011), isso cria uma dificuldade para os autores em relação à linguagem literária, pois, como expressar com palavras algo que já foi assistido por milhões de pessoas? Ou, o que as palavras poderiam acrescentar às imagens que mostraram o evento de diferentes ângulos e pontos de vista? Ou ainda, porque escrever sobre algo que já foi representado com enorme simbolismo visual?

O terceiro problema, também apontado por Randall, em relação à representação literária do 11 de setembro de 2001 é sua não precedência. O fato de nunca ter ocorrido nada parecido com este atentado na história da humanidade causa problemas de acomodação do evento a estruturas convencionais de narrativa ou ficção realista, o que leva vários artistas ao desafio de criar formas híbridas de representação.

⁵ As obras que circundam o tema do atentado de 2001 não se limitam a romances, mas abrangem também contos, poemas, quadrinhos, filmes, entre outros.

⁶ “[...] romancistas normalmente não escrevem sobre o que está acontecendo, mas sim sobre o que não está acontecendo.” (tradução nossa)

Para nós, a representação do evento em si não é primordial, mas sim o impacto que este evento causa nos personagens e na literatura justamente porque é um evento sem precedência, cujas imagens foram ostensivamente repetidas e que começou a ser representado muito cedo após sua ocorrência. Acreditamos que a preocupação dos artistas que trataram do evento não é descrevê-lo porque não é necessário, por isso se atentam às suas consequências. Até porque, muitos romances pós-11 de setembro não tratam deste evento especificamente, mas de outras práticas terroristas, como é o caso de *O paraíso é bem bacana*.⁷

Uma das consequências de um evento como um atentado terrorista é o trauma. Segundo o psiquiatra francês Pierre Janet, a memória traumática deve se transformar em memória narrativa (*In*: VERSLUYS, 2008), sendo a literatura um dos meios para que isso seja feito, transformando e reconfigurando o atentado em significado e expressão para restaurar conexões rompidas.

Even if according to some theories trauma is unrepresentable, there is the need on the part of the traumatized to relieve anxiety through telling, a feeling on the part of the victims that they have the duty to testify and the desire on the part of the listener to learn more about the trauma in order to reintroduce it into a network of signification. The latter need can be exploited: sensationalized, neutralized, abused for political or commercial purposes. It can also lead to a better understanding, to compassion, even agency (the urge to change the world so that the traumatic event does not repeat itself). Above all, the need to understand, the need to “place” the event, is shared by victim and mere bystander. In a time of globalized witnessing and shared vicarious experience, an event like 9/11 is a rupture for everybody. As a consequence, there is globalized need to comprehend, to explain, and to restore. (VERSLUYS, 2008, p. 3)⁸

⁷ Para mais exemplos de romances que trazem em seu enredo o tema do terrorismo, ver *Romance de Terrorismo: a literatura nos primeiros anos após 11 de setembro de 2001*, de Gandhia Vargas Brandão (2013).

⁸ “Mesmo se, de acordo com algumas teorias, o trauma é irrepresentável, há a necessidade, por parte do traumatizado, de aliviar a ansiedade através da narrativa, um sentimento, por parte das vítimas de que elas têm o dever de testemunhar e o desejo, por parte do ouvinte, de aprender mais sobre o trauma para reintroduzi-lo em uma rede de significação. O desejo último deve ser explorado: sensacionalizado, neutralizado, abusado com objetivos políticos ou comerciais. Ele também pode conduzir a uma melhor compreensão, à compaixão, até mesmo agenciar (a vontade de mudar o mundo de modo que o evento traumático não se repita). Acima de tudo, a necessidade de entender, a necessidade de ‘situar’ o evento é compartilhada pela vítima e pelo

Mikhail Bakhtin toma o romance como um “fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal.” (BAKHTIN, 1990, p. 73), por isso, existem dificuldades para o estabelecimento do romance enquanto gênero, preocupação principal de seus estudos do romance. Para o teórico russo, o romance é o único gênero ainda inacabado, que parodia outros gêneros, integrando-os à sua própria composição e dando a eles uma nova interpretação e forma. Por estar em evolução, pode refletir mais rapidamente a evolução da própria realidade.

Daí vem a extraordinária dificuldade para uma teoria do romance. Com efeito, esta teoria deveria ter, em princípio, um objeto de estudo totalmente diferente da teoria de outros gêneros. O romance não é simplesmente mais um gênero ao lado dos outros. Trata-se do único gênero que ainda está evoluindo no meio de gêneros já há muito formados e parcialmente mortos. Ele é o único nascido e alimentado pela era moderna da história mundial e, por isso, profundamente aparentado a ela, enquanto que os grandes gêneros são recebidos por ela como um legado, dentro de uma forma pronta, e só fazem se adaptar – melhor ou pior – às suas novas condições de existência. (BAKHTIN, 1990, p. 398)

Desse modo, sendo o romance um gênero em permanente construção, desconstrução e reconstrução, é, portanto, o lugar ideal para que a memória traumática se transforme em memória narrativa. Se o trauma causa o colapso de uma rede de significação, a narrativa se torna necessária para recuperar suas conexões. O que nos leva à apresentação do romance em questão.

O escritor brasileiro André Sant’Anna, nascido em 1964, em Belo Horizonte, publica *O Paraíso é bem bacana* aos 42 anos, após ter publicado 4 romances anteriores e depois do qual publicou mais um. Este romance em destaque possui 451 páginas e não é dividido em capítulos, mas em partes separadas por três asteriscos que indicam a mudança de narrador.

Mané, personagem principal, jogador de futebol nascido em Ubatuba, afrodescendente, pertencente à classe social muito desfavorecida, desprovido de conhecimentos intelectuais, virgem, praticante assíduo do onanismo e jogador de futebol pelo Santos Futebol Clube, delira em um quarto de hospital, mutilado por uma bomba presa à própria cintura que detonou, pouco antes do

espectador. Em tempos de testemunho globalizado e experiências compartilhadas, um evento como 11 de setembro de 2001 é uma ruptura para todos. Como consequência, tem-se a necessidade globalizada de compreender, de explicar, de restaurar.” (tradução nossa)

início de um jogo no Estádio Olímpico de Berlim. Mané, que havia saído de Ubatuba para jogar na Alemanha, se converte ao islamismo e decide ser mártir com a esperança de que assim, vai conseguir as prometidas 72 virgens no paraíso. Em meio a seus delírios, que duram páginas e páginas, ele fala, principalmente sobre sexo, produz excrementos inundando o quarto com seu terrível odor, para o desconforto de seus colegas de quarto, dois outros pacientes: Tomé, músico brasileiro que, vivendo ilegalmente na Alemanha, recupera-se de overdose de heroína; e Mubarak, um terrorista amador fisicamente semelhante a Bin Laden, suspeito de ter fornecido a bomba para Mané.

E vai continuar. É setenta e duas. Cada hora, uma vem ficar comigo. E depois vem duas e depois vem dez e depois vem as setenta e duas tudo e por isso que continua, porque eu tô querendo e sempre que eu tiver querendo, vai continuar acontecer tudo que eu tô querendo e eu não quero ficar sozinho, quero ficar junto com elas que me ama, que é mãe também, que faz o tempo nunca acabar e o tempo é sempre bom sem ser depressa, nem devagar, só tempo que não é tempo porque não passa nunca e é que nem como não ter tempo, o tempo, assim, que passa. Assim que nem a Martinha, que já passou uns quatro ano que eu não vejo ela e ela continua com a mesma cara de quando ela tinha treze ano, que eu gostava dela, [...] e a Martinha fica assim que nem se fosse uma filhote mamando no meu pinguelo, nessa sombra e umas uvas que nem naquele filme do Nero, que nem naquele filme que tinha na televisão do Jeipom que passava sempre. (Sant'Anna, 2006, p.50)

O protagonista Mané, patologicamente tímido, pouco instruído, incapaz de apreender a complexidade do mundo a sua volta, é praticamente um selvagem. Ele se deixa arrastar pela vida, semimorto, com o corpo destroçado em uma cama de hospital, pois perdeu o pênis, um braço, as pernas, um olho e está cego.

Outras vozes (de seus amigos de escola, da sua mãe, da sua psicóloga, de seus colegas de time, do paciente da cama ao lado, da enfermeira, da polícia que investiga o atentado) permeiam a narrativa intermitentemente aos delírios sexuais de Mané preenchendo lacunas e elucidando fatos. As vozes relatam seu passado, a infância miserável, a mãe alcoólatra, as sucessivas e variadas humilhações sofridas nas mãos de outros garotos e a incrível habilidade para jogar futebol. Os narradores adjacentes analisam seu comportamento, seu estilo de jogar, e narram de que maneira se relacionavam com Mané, o pobre

Discutir o conceito de identidade atualmente torna-se tarefa um tanto quanto árdua, pois tal conceito envolve questões até pouco tempo não relacionadas à existência da subjetividade. Por um lado, o sujeito era percebido como autossuficiente em sua própria constituição, já que possuía em si mesmo, de acordo com a psicanálise, três instâncias determinadoras da identidade – id, ego e superego. Por outro lado, o sujeito era percebido como o que em filosofia se chama de “sujeito tívio”, já que a constituição da identidade era papel exclusivo das ideologias manifestadas em “aparelhos ideológicos de Estado” (ALTHUSSER, 2003), ou seja, o sujeito era construído por meio de fatores sociais externos a ele, passivamente, sem qualquer participação de si mesmo neste processo.

A filosofia contemporânea trabalha com a tentativa de junção das duas visões opostas acima citadas. Assim, encontramos nos trabalhos de Bakhtin a noção de “criatividade” e em Deleuze e Guatarri a noção de “rizoma”. Pode-se dizer, então, que a constituição dos sujeitos é tanto individual quanto social, sem limites claros entre esses dois aspectos que se encontram em eterno movimento.

Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2001) trata do sujeito em relação ao próprio corpo em meio ao que ela chama de novas configurações da dominação capitalista em relação ao corpo e à vida, afirmando que essas novas configurações possuem bases que se situam na passagem de uma ordem político-jurídica para uma nova ordem tecnocientífica-empresarial da sociedade que, junto com o desenvolvimento da informática e com a massificação global do consumo de bens industrializados, fez surgir dois movimentos: o de “expansão externa – impelindo cada corpo a se conectar direta e cotidianamente com as necessidades do mercado global; e o de expansão interna, incitando cada um a voltar-se para seu próprio corpo e a querer o controle e o aumento dos seus níveis de prazer.” (*In: ORLANDI et al., 2002, sp*)

Intimamente relacionado com o conceito de identidade está o que Norman Fairclough trata como “discurso”. (FAIRCLOUGH, 2001) O discurso: texto, prática discursiva e prática social, é ao mesmo tempo moldado e restringido pela estrutura social e é por meio dele que o movimento entre indivíduo e sociedade se dá. Atualmente, o discurso passa por uma “tecnologização”, ou seja, as “tecnologias discursivas” – entrevista, ensino, aconselhamento, publicidade, entre outras, caracterizam ordens de discurso

modernas e “estabelecem uma ligação íntima entre o conhecimento sobre linguagem e discurso e poder”.

Sobre as novas ordens modernas, Denise Sant’Anna diz:

[...] essa nova ordem torna opaca e mesmo invisível as verdadeiras redes que nos conectam com as *potências* do mundo; [...] neste novo arranjo, a comunicação transforma-se num imperativo inquestionável e os comunicantes, seres incertos, questionáveis e rapidamente substituíveis. A acelerada substituição dos seres é solidária à tendência atual, do mercado financeiro, mas, também, dos usos de prazeres individuais que investem mais na eficácia que na ética, mais no risco que na prudência. Daí a facilidade publicitária em postular a tríade emoção/risco/eficácia como modelo para a aquisição da juventude, da riqueza e do prazer. (*In: ORLANDI et al., 2002, s.p.*)

Uma das práticas sociais surgidas com a nova ordem em questão é a da “eternização do corpo”. O corpo toma o lugar que a alma teve anteriormente nas preocupações do ser humano, que tudo faz para salvá-lo, prorrogar seus prazos de validade e não cair no esquecimento, investindo para que seu corpo esteja sempre pronto para ser exposto, visto e admirado. Daí Denise Sant’Anna usa expressões como “rostificação” e “novos *up-grades* para melhoria da aparência física” e “prazo de validade do corpo”. (*In: ORLANDI et al., 2002*) O sexo, as relações sexuais, supostamente tratados como pertencentes à intimidade dos seres, dos “indivíduos”, transformaram-se em produtos de consumo, ou pelo menos em momentos nos quais devem ser utilizados vários dos produtos de consumo em mercado. A esse fator pode ser associado o culto ao corpo (templo) tão buscado atualmente por meio de inúmeros recursos tecnológicos como cirurgias plásticas, circuitos de exercícios programados para atingir o objetivo final de possuir medidas calculadas em computador, e até alimentos e remédios polivalentes que possuem o objetivo de eternizar o corpo. Denise Sant’Anna reforça:

Por isso, o hipercapitalismo atual necessita de corpos liberados não apenas dos antigos princípios morais e religiosos, nem somente libertados das seculares fronteiras de gênero e de espécie. Ele carece, igualmente, de corpos desvinculados de seu patrimônio genético e dos conhecidos limites fisiológicos humanos. No lugar do corpo sem órgãos,⁹ abre-se a possibilidade

⁹ O corpo sem órgãos é um termo de Antonin Artaud utilizado por Deleuze e Guattari para designar o corpo do desejo do qual o esquizofrênico faz a experiência extrema. É ambivalente,

para fabricar, aqui, órgãos e células sem corpo. E, ainda, órgãos, células e corpos liberados da “forma-homem”. As lutas de resistência tentam, por vezes, inverter essa situação ou minimizar seu impacto social. (In: ORLANDI *et al.*, 2002, s.p.)

Uma das justificativas utilizadas por grupos fundamentalistas muçulmanos, dentre eles a Al-Qaeda, para o cometimento de atos terroristas no ocidente é justamente a face do capitalismo descrita acima. Para os radicais religiosos, a hipervalorização do corpo e a liberação do mesmo para o sexo e para o prazer em geral é totalmente contra os preceitos do Alcorão e visa à destruição do islamismo, portanto, o ocidente vive no pecado e deve ser modificado, se não, eliminado. Lembrando que um dos objetivos da Al-Qaeda é purificar as fileiras do Islã dos elementos de depravação. Sobre isso, Abdelwahab Meddeb diz:

O segundo efeito da re-islamização é visível através da transformação do corpo social em sua relação com os prazeres e o gozo. A sociedade islâmica passou de uma tradição hedonista, fundada no amor à vida, a uma realidade pudica, cheia de ódio contra a sensualidade. (MEDDEB, 2003, p. 98)

Considerando nosso ponto de vista ocidental, encontram-se inúmeras distorções quanto à identidade da figura do terrorista, que se instaura gradativamente no imaginário humano ao longo da era pós-moderna, principalmente após 11 de setembro de 2001. Imediatamente relacionados à figura do muçulmano árabe, a imagem do terrorista se torna aquela dos integrantes da Al-Qaeda, segundo Edward Said, imagem que vem sendo construída desde a segunda guerra mundial, principalmente na cultura popular americana que, por sua vez, é exportada para o resto do mundo.

Nem todo muçulmano é fundamentalista e nem todo muçulmano fundamentalista é terrorista. Este constitui grupo minoritário que, entretanto, é eleito pelo ocidente como figura representativa da identidade islâmica.

Said aponta as transformações da imagem do “árabe” no imaginário ocidental durante o século XX: nômade montado em camelo, com mantos, turbantes e sandálias; depois o mesmo estereótipo, mas caminhando em procissão com as mãos acima da cabeça demonstrando incompetência e

pois, ao mesmo tempo em que é condição do desejo, é modelo da morte e, por isso, envolve intensidade igual a zero (=0). Não é um corpo próprio nem um corpo vivido, mas é o seu próprio limite, pois remete a um desejo invivível, sempre em marcha. (ZOURABICHVILI, 2004, p. 31)

derrota; depois algo mais ameaçador, como um xeque situado atrás de uma bomba de gasolina, já que é perigoso, mas é fornecedor de petróleo; até a imagem do sanguinário degenerado e violento homem-bomba.

Nos filmes e na televisão, o árabe é associado com a libidinagem ou com a desonestidade sanguinária. Ele aparece como um degenerado excessivamente sexuado, capaz de intrigas inteligentemente tortuosas, é verdade, mas essencialmente sádicas, traiçoeiras, baixas. Traficante de escravos, cameleiro, cambista, um patife pitoresco: esses são alguns dos papéis tradicionais do árabe no cinema. O líder árabe (de saqueadores, piratas, insurgentes “nativos”) é muitas vezes visto rosnando para o herói e a loira ocidentais cativos (mas imbuídos de integridade): “Os meus homens vão matá-lo, mas... eles gostam de se divertir antes”. Enquanto fala, ele olha sugestivamente de soslaio, como o sheik de Valentino. Nos documentários e nos noticiários, o árabe é sempre mostrado em grandes números. Nada de individualidade, nem de características ou experiências pessoais. A maioria das imagens representa fúria e desgraça de massas, ou gestos irracionais (por isso, irremediavelmente excêntricos). Espreitando por trás de todas essas imagens está a ameaça da *jihad* . Consequência: o medo de que os muçulmanos (ou árabes) tomem conta do mundo. (SAID, 2007, p. 383)

No caso de Mané, verifica-se o esforço do personagem para encontrar-se, entender-se ao partir em busca de si, ainda que por caminhos tão inusitados quanto a conversão ao islamismo sem ao menos saber direito do que se tratava e principalmente caminhos tão alheios à sua própria cultura, mas refletindo bem: que cultura?

Ele não se identifica com os colegas de bairro. Mal dialoga com a mãe, que é prostituta, realiza suas atividades profissionais dentro de casa e inicia sua filha no mesmo ofício ali mesmo. Tem pouca oportunidade de adquirir conhecimento intelectual. Mesmo no ambiente do futebol, onde tem sucesso como atleta, não estabelece contato social com o grupo. Vai parar na Alemanha, um país onde continua sendo o mesmo estranho no ninho que sempre foi. Enfim, está à margem de qualquer cultura e acaba assumindo o papel caricato do homem-bomba atrás das 72 virgens prometidas por uma interpretação superficial de um folheto sobre o islã (nem mesmo era o Corão). O que nos leva à tese do integrismo de Meddeb, apresentada a seguir.

Abdelwahab Meddeb, escritor e professor na Universidade Paris X, nascido na Tunísia e adepto do Islamismo, traz apontamentos imprescindíveis à tentativa de compreensão do atentado de 11 de setembro de 2001 e do

terrorismo em geral. Em sua obra *A doença do Islã* (2003), o autor retrocede no tempo em busca das origens do integrismo que, para ele, constitui o embrião dos problemas do Islã, sua doença cujo sintoma principal é o terrorismo: “A cada entidade sua doença. [...] Se o fanatismo foi a doença do catolicismo, se o nazismo foi a doença da Alemanha, é certo que o integrismo e a doença do islã.” (MEDDEB, 2003, p. 10-11)

A causa principal do surgimento e do reforço da ideologia integrista, segundo Meddeb, é o ressentimento do sujeito islâmico em relação ao europeu, primeiramente, e mais tarde ao americano, pelo fato de o mundo islâmico ter perdido gradativamente sua posição de líder e influência mundial, o que vinha acontecendo desde os séculos XV e XVI, início das cruzadas, fim do feudalismo, início do capitalismo, início do processo de perda do comércio internacional por parte do Islã.

O mundo islâmico não cessou de estar inconsolado com sua destituição. Ele conheceu um grande momento de civilização, acompanhado de sua audácia hegemônica. Se retomamos a noção de capital-mundo inventada por Fernand Braudel, é razoável pensar que, antes de seu deslocamento em direção à Europa, essa noção se concretizou na Bagdá abássida dos séculos IX e X, no Cairo fatímida do século XI e mameluco dos séculos XIII e XIV; em seguida a capital-mundo atravessou o Mediterrâneo e prosperou na margem setentrional, com a dupla Gênova-Veneza, antes de se exilar e se afastar mais ainda do mundo islâmico instalando-se em Amsterdã no século XVII, depois em Londres no século XIX, em Nova York no século XX; e doravante provavelmente a veremos caminhando em direção à costa do Pacífico, na densa atividade que tece a rede entre a Ásia e o norte da América. Assim, desde o século XV, a capital-mundo não parou de se distanciar geograficamente do espaço islâmico. (MEDDEB, 2003, p. 16)

A perda gradativa da liderança mundial é atribuída à estagnação criativa no campo da ciência e da técnica, o que tornou vários países islâmicos enfraquecidos e sujeitos à dominação imperialista, pois a equivalência entre o que se produziu na civilização islâmica e o que se produziu na Europa só se deu até a época Barroca e Clássica.

Mesmo assim, e talvez por isso, a tomada de consciência do Islã em relação ao seu declínio só ocorreu no final do século XVIII, com a expedição de Napoleão Bonaparte ao Egito, o advento do iluminismo e o rompimento do laço consubstancial entre o político e o religioso no ocidente concomitante ao aumento da liberdade e o surgimento dos direitos do homem.

Além disso, o crescimento demográfico e a relativa democratização do Islã propiciaram o aparecimento e a proliferação do que Meddeb chama de “semiletrados”, que são aqueles cujo “acesso selvagem à letra” em grande quantidade “reforça sua ferocidade”. “A letra corânica, submetida a uma leitura literal, pode ressoar no espaço balizado pelo projeto integrista: ela pode obedecer a quem persiste em fazê-la falar na estreiteza de seus contornos; para que ela escape a isso, convém que seja investida do desejo do intérprete.” (p. 12)

Mané, apesar de não ser um exemplo fidedigno de adepto do islamismo integrista, ilustra a tese de Meddeb no que diz respeito ao semiletramento e ao acesso selvagem à letra levando à leitura e interpretação literal e a enganos trágicos como a autoexplosão no meio de um campo de futebol com o único objetivo de encontrar suas desejadas virgens.

Voltando rapidamente à parte estrutural do romance de Sant’Anna: é dividido em pequenos capítulos cujos narradores se alternam e a alternância das vozes narrativas é marcada pela presença gráfica de três asteriscos centralizados na página. Além disso, Mané, o mártir em busca de 72 virgens, é o narrador principal, enquanto seus amigos de escola, sua mãe, sua psicóloga, seus colegas de time, o paciente da cama ao lado, a enfermeira, e a polícia que investiga o atentado constituem narradores adjacentes que preenchem as lacunas deixadas pela narrativa de Mané, elucidando fatos.

As lacunas deixadas por Mané são reflexo de sua quase afasia, o que faz o protagonista, segundo a pesquisadora e professora da Universidade de Brasília, Regina Dalcastagnè (2008), estar suscetível a ser silenciado pelos outros narradores, que se apossam da narrativa e mostram quem é Mané, cada um sob sua ótica. Os diferentes Manés narrados compõem o Mané que chega até o leitor.

Enquanto as distinções entre os narradores do romance de Sant’Anna são bem marcadas e articuladas, a mente do protagonista, um jogador-de-futebol-homem-bomba é totalmente desarticulada e seus devaneios, ainda que de nenhum modo propositalmente, o levam em direção à consciência de si, de sua identidade, de seu lugar no mundo. Lugar esse que não é nada bom, pois sua condição socioeconômica não favoreceu a aquisição de informações básicas, como a leitura, por exemplo, que dirá de questões complexas como a do fundamentalismo islâmico. A falta de compreensão destas últimas o tornou a caricatura do

terrorista fundamentalista islâmico, uma criação ocidental, como discutido acima. E aliado a toda a problemática da precariedade do raciocínio de Mané, ainda há o problema de sua sexualidade, obsessivamente descontrolada.

[...] Não é triste, não. É é feliz que aqui tudo é feliz, que os pessoal turco ensinou que era, que ia ser pros marte, que nem tá sendo agora. É por isso que eu fiquei sabendo que eu ia fazer certo na hora de virar turco. Mas não é turco, não, que eles nem são turco, só uns. O Hassan era sírio e era alemão porque os pais dele era sírio e ele mesmo nasceu foi aqui mesmo, então ele é os dois. EU não sou turco também não, eu sou, eu fiquei é moslém que é todo mundo que acha que o Deus é o Alá, que é o mesmo Deus de Jesus, só que tem outro nome e quem torce pra ele, quase todos, é os turco, que não são todos que parece turco, turcos é uns e os outros todos é moslém, até os turco. E eu, que fiquei moslém marte e por isso é que eu fico aqui trepando na Crêidi, que queria ser preta que nem eu, [...] (p. 145)

André Sant’Anna é capaz de abordar o tema do terrorismo aliado à condição social brasileira em que ainda estão presentes aberrações como o racismo, a homofobia a extrema pobreza e o esporte como único meio de ascensão social. Sua visão crítica é expressa na caricatura do homem-bomba por acaso, fruto de um sistema cruel que o criou.

Meddeb é capaz de apontar como a ignorância pode ocasionar o caos mundial. Como diagnosticou a doença do Islã, o autor prescreve sua cura que, segundo ele, consiste na suspensão da exclusão do Islã na cena comum ocidental, extinguindo o que chama de islanfobia, pois a aceitação da religião islâmica como uma dentre as demais crenças existentes no mundo geraria a “necessidade de retroceder a um profundo conhecimento das polêmicas, das controvérsias e dos debates dos quais a tradição se nutriu.” (p. 158)

Mas o reconhecimento do Islã não deveria se dar apenas no âmbito da crença religiosa. A arte, a poesia, a filosofia, a política devem caminhar rumo à integração, o que se revela bastante pertinente numa época pós-moderna de convívio da pluralidade, da multiplicidade, da diferença:

A poética do entre-dois, do intersticial, da travessia, que é para mim natural, deveria ser estendida ao campo da cultura islâmica e deveria ser a de todos. Essa integração do legado islâmico às fontes do pensamento e da criação (tanto quanto o fundo grego, latino, hebraico, japonês, chinês, indiano) seria uma garantia suplementar para a constituição da cena comum, que deveria ser

a da cultura mundial, cujos produtos seriam as obras do espírito, situando-se para além das tradições, sem interromper o diálogo com elas; que cada um escolha os antigos que lhe convém para que na aventura do novo o vivo se aprenda do morto. (p. 150)

Assim, nem Manés, nem Bin Ladens, nem terrorismo. Seria essa uma nova utopia?

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

AMIS, Martin. **The second plane**. Vintage International: Nova York, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

BRANDÃO, G.V. **Romance de Terrorismo**: a literatura nos primeiros anos após 11 de setembro de 2001. 2013. 194p. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Universidade de Brasília (UnB), Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas: 2013.

CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 31. Brasília, jan./jun. 2008. Disponível em: <www.gelbc.com.br/pdf_revista/3105.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2013.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FARAH, Paulo Daniel. **O Islã**. São Paulo: Publifolha, 2001.

FAS. **Jihad against Jews and Cruzaders**. Washington, DC, 1998. Disponível em: <<http://www.fas.org/irp/world/para/docs/980223-fatwa.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ISLAM Online Fatwa Editing Desk. **Fatwa**: significado e conceito. Disponível em: <<http://www.religiaodedeus.net/fatwa22.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

MEDDEB, Abdelwahab. **A Doença do Islã**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

RANDALL, Martin. **9/11 and the Literature of Terror**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANT'ANNA, André. **O paraíso é bem bacana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANT'ANNA, Ivan. **Plano de ataque**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

SMITH, Dan. **O atlas do oriente médio**. São Paulo: Publifolha, 2008.

VERSLUYS, Kristiaan. **Out of the Blue**. New York: Columbia University Press, 2009, Edição Kindle.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.